

## A relação museu e zoológico

### A relationship between museum and zoo

Giórgia de Aquino Neiva\*  
Fabíola Simões Rodrigues da Fonseca\*\*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo abordar a discussão sobre a relação museu e zoológico de acordo com a perspectiva educacional. Para tanto, articulou-se sobre os principais períodos históricos que marcaram a transição do colecionismo nos grandes gabinetes de curiosidade para a viabilização das exposições, implicando na possibilidade de promover ação-educativa a partir delas. Sob essa nova concepção expositiva, o museu passou a ser um local que dialoga e estabelece comunicação instrutiva com seu público visitante. Neste contexto, o zoológico – enquanto cenário museal – proporciona e compartilha, portanto, com a oportunidade de comunicar conhecimentos diversos seja por meio de visitas guiadas, seja por instruções nas placas informativas, disposição da exposição, entre outros. Por suas características peculiares, torna-se necessário que o programa educativo em zoológico estimule a participação e envolvimento do visitante com que é exposto como objeto museal. Desta maneira interativa, nota-se que o processo de comunicação e ação-educativa em espaço museal, obedecendo aos critérios do tempo de visita e linguagem acessível, permite ao público a apreensão das informações vinculadas à exposição, se constituindo, por conseguinte, em espaço de educação não-formal.

Palavras-chave: Museu, Zoológico, Ação-Educativa, Exposição.

**Abstract:** This article aims to address the discussion on the relationship museum and zoo in accordance with the educational perspective. To this end, was articulated on the main historical periods that marked the transition from collecting posture in large cabinets of curiosity to the viability of exhibitions which implied the possibility of promoting educational action from them. Under this new design exhibition, the museum has become a place that speaks to and establishes instructional communication with its audience. In this context, the zoo – while museum scenario – provides and shares, therefore, the opportunity to communicate diverse knowledge whether through guided tours or by instructions on the information board, exhibition's layout, among others. By their peculiar characteristics, it is necessary that the educational program in zoo encourages participation and engagement of the visitors that is exposed as museum object. This interactive way, one notes that the process of communication and educational-action in museum space, following the criteria of the time to visit and accessible language, allows the public to comprehend the information linked to the exhibition which constitute, therefore, in a non-formal space education.

Keywords: Museum, Zoo, educational action, exhibition

---

\* Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (PPGAS - UFG).

\*\* Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (PPGE UFU).

## 1 Histórico

De acordo com os registros históricos, o primeiro momento museal ocorreu em Alexandria no século III a.C. A origem das coleções se deu sob as doações e oferendas aos deuses, que eram destinadas aos templos dedicados às musas. Também era hábito, desde essa época, colecionar animais e assim permaneceu entre as famílias nobres até o século XVIII, quando começaram a se formar os primeiros zoológicos (GARCIA; MARANDINO, 2008a).

Posteriormente, no Renascimento, as coleções das monarquias eram expostas para apreciação da classe dominante. Neste período, os príncipes divulgavam seus poderes, organizados em pequenos espaços privados e privilegiados. Segundo Nascimento (2005), concomitante às coleções monárquicas surgiram os gabinetes de curiosidades<sup>1</sup>, organizados também pelos nobres e seus aliados, constituindo, assim, uma importante face da museologia, uma vez que tais locais antecederam aos museus.

Kury e Camenietzki (1997) apontam que, do século XVI ao XIX, as coleções passaram a ser sistematizadas de acordo com o estabelecimento de critérios influenciados pela taxonomia proposta pelo naturalista Carl von Lineu, embasado na ideia de continuidade e que, portanto, a natureza não dá saltos. Assim, emergia das discussões suscitadas pela taxonomia de Lineu, corroborada por alguns cientistas e criticada por outros, um novo cenário científico na Europa.

A partir de 1790, Jean-Baptiste Lamarck fez críticas aos gabinetes de curiosidades propondo uma nova forma de organização das coleções: as espécies deveriam ser agrupadas seguindo critérios de classificação direcionados a uma descrição da natureza. Nesse contexto, fica perceptível que, para o naturalista francês, seu local de trabalho, o *Jardin des Plantes* - primeiro zoológico público fundado - deveria focar seus objetivos nas pesquisas científicas e restringir o acesso do público visitante que buscava na visita apenas uma oportunidade de lazer.

Nessa época, a opinião de Lamarck não obtivera consenso entre os naturalistas, uma vez que excluía a presença da sociedade desses espaços, além de contrariar as novas concepções de cidadania advinda das conquistas da Revolução Francesa (KURY; CAMENIETZKI, 1997). Desta maneira, concomitante à eclosão de movimentos nacionalistas, do povo, ocorreu a passagem do colecionismo para a

---

<sup>1</sup> Locais onde eram guardados os objetos de uma coleção. Reuniam animais, objetos ou obras raras, objetos exóticos, fósseis etc.

noção de patrimônio, marcada pelo processo de criação dos grandes museus públicos. Diante desses impasses entre os cientistas e das novas configurações sociais foram inaugurados os primeiros Museus de História Natural<sup>2</sup>, consagrando-se tanto como instituição de pesquisas científicas como local de instrução dos cidadãos.

Durante a passagem do século XVIII para o XIX, marcada pelo Iluminismo - caracterizado pela exaltação da Razão e o surgimento da ciência como produtor do conhecimento – e pela expansão industrial (a partir da Revolução Industrial), surgiu um novo sujeito de exposição, a saber, a tecnologia, e, em contrapartida, um novo público, o cidadão urbano em seu tempo de lazer (NASCIMENTO, 2005). Além disso, também foi consequência desta época a aceleração e criação de instituições públicas, em decorrência da sociedade industrial (NASCIMENTO, 2005).

A partir desse momento, houve preocupação com a conservação dos objetos exibidos e guardados em acervos, bem como a intenção de expor e apresentar aos visitantes de museus os objetos de conhecimento científico e tecnológico. Com base neste processo, tornou-se possível associar o cenário do museu à prática didático-educativa, uma vez que em tal espaço há divulgação e comunicação do conhecimento e da cultura.

A partir de então, Marta Marandino afirma que as exposições passaram a ser organizadas de maneira temática, elaboradas seguindo critérios científicos e atreladas às finalidades de ensino das ciências. Ainda nesse contexto, a autora traz à tona a importância da teoria da evolução de Darwin, com a publicação da *Origem das espécies* em 1859, para o desenvolvimento das exposições em forma de dioramas no final do século XIX. Nas palavras da autora, os dioramas “representam a tentativa de ‘museografar’ os processos da natureza e ‘respondem ao desejo de colocar em cena os conceitos de biogeografia e ecologia” (MARANDINO, 2009, p. 3).

Desta forma, as exposições substituíram definitivamente o lugar das coleções. Os gabinetes de curiosidades, restritos a um pequeno grupo de curiosos e pesquisadores, cederam lugar às exposições abertas ao público.

Tal afirmação é confirmada por Auricchio (1999), quando ela aponta que até meados do século XIX, a ênfase dada aos aspectos taxonômicos, à divulgação da diversidade biológica e suas adaptações evolutivas começam a ceder lugar aos aspectos ecológicos, sobretudo àqueles relativos ao comportamento das espécies.

---

<sup>2</sup> Foi nessa época que, na França, o *Jardin des Plantes* foi reorganizado e transformado no *Muséum national d'Historie naturelle*.

Dessa maneira, já em meados do século XX, a autora aponta modificações tanto no desenvolvimento das atividades profissionais como no manejo das espécies, resultando nas exposições dos zoológicos em forma de dioramas.

## 2 Exposição e o público visitante no Zoo

Com a nova concepção das exposições, o objetivo dos museus passou a estabelecer uma comunicação, inclusive didático-educativa, entre o objeto de museu e o visitante. Essa nova postura de renovação dos museus lhes confere uma importância social, pois em tais locais busca-se abordar os temas de maneira contemporânea e evolutiva a fim de propiciar interatividade e conhecimento no cenário museal. De acordo com Nascimento, “a tendência atual é a de construção de exposições capazes de fazer a síntese dos conhecimentos e discuti-la junto ao público” (NASCIMENTO, 2005, p. 224).

Com base nisso, exposições, atividades e materiais de divulgação do museu adquirem um papel de comunicador, onde cada vez mais é dada ênfase à participação dos visitantes nas práticas desenvolvidas nestes espaços. Segundo Valente *et al* (2005, p. 197), “os visitantes exercem um papel essencial, pois são para eles que tais práticas se destinam”. Ou seja, no formato ideal, as exposições devem traduzir a intenção de estimular o conhecimento, a imaginação e aguçar a curiosidade dos visitantes, induzindo-os a refletir sobre as questões pertinentes do local.

Desta maneira, as formas de comunicação nos museus proporcionam oportunidades de compartilhamento e participação entre o público, seja por visitas guiadas, seja por meio da manipulação dos aparatos (*science centers*<sup>3</sup>). Para tanto, torna-se essencial que os elementos constituintes (disposição, placas informativas, panfletos, entre outros) da exposição tenham uma linguagem passível de ser lida pelo público. Por conseguinte, a exposição pode ser feita de forma em que aos visitantes não seja apenas imposto o papel de contemplar sem que exista a possibilidade de manifestar suas críticas ou dúvidas. Nas palavras de Valente *et al* (2005, p. 198), “é essencial ter em mente que o processo de comunicação é compartilhado, e se as partes não participam ele não ocorre”.

---

<sup>3</sup> De acordo com Marandino (2005a, p. 1), são museus interativos que “possuem uma concepção particular que implica na participação efetiva do público através da manipulação de aparatos que representam fenômenos e conceitos científicos”.

Portanto, a maneira mais eficaz para alcançar tais propósitos é com a interatividade, que tanto informa, quanto entretém. Dessa forma,

a interatividade é considerada uma pedagogia não-diretiva e deve ser entendida como um conceito ampliado que oferece ao público a oportunidade de experimentar fenômenos e participar nos processos de demonstração ou na aquisição de informações, com o propósito de ampliar seus conhecimentos (VALENTE et al, 2005, p. 198).

Nesse contexto, uma exposição que possibilite ao público conhecer melhor a rotina do zoológico, a origem do acervo, as pesquisas realizadas e em andamento, os cuidados com o bem-estar do animal, entre outros aspectos relevantes, subsidia o engajamento dos visitantes e contribui para legitimar tais instituições como locais de educação não formal. Além de que, nesta medida evita que “a falta de diálogo entre museu e público leve a pensar estes espaços como portadores de uma verdade absoluta, algo que não deve ser questionado pela incapacidade de compreendê-lo” (SUESCUN FLOREZ; SCHEINER, 2010, p. 10).

Outro fator e característica importantes sobre a especificidade pedagógica no zoológico é a brevidade do tempo de visita, que em geral é utilizado pelo público em torno de 1h ou 2h. Marandino (2005b, p. 166) destaca que o tempo é uma ferramenta estratégica, uma vez que “é determinado tanto pela concepção da exposição como pelo animador/mediador da mesma”. De maneira que é preciso aproveitá-lo em busca de suprir as demandas e os objetivos assinalados pela ação-educativa.

Além disso, o zoológico deve pensar no seu papel social uma vez que é um local muito visitado, pois se trata de uma opção de lazer, de uma área naturalizada inserida em um grande centro urbano, onde cada vez mais se procura exibir os animais de maneira mais natural possível, respeitando seus hábitos alimentares, comportamentais e as condições sanitárias, proporcionando o bem-estar das espécies cativeiras e aproximando o público do habitat natural do animal (GARCIA; MARANDINO, 2008b).

### **3 A disposição da exposição, os recintos e as placas informativas no Zoo**

Garcia (2009) defende que os zoológicos buscam atender aos seguintes objetivos: conservação das espécies ameaçadas, pesquisa, lazer e educação. Acrescentamos a esses objetivos a preocupação com o bem-estar do animal, presente na legislação pertinente (BRASIL, 1983). Neste contexto, houve transformação significativa nas exposições dos zoológicos, sendo necessárias modificações nos aspectos físicos do recinto, no manejo das espécies e no quadro de profissionais do local.

A disposição da exposição no zoológico, via de regra, tem por característica o trajeto aberto. Nele, o público não fica preso, tornando-se necessário ser cativado por informações, conteúdos e ações didáticas por parte dos guias, a fim de que o visitante permaneça atento durante todo o percurso. De acordo com Marandino (2005b, p. 166), “neste sentido, é importante haver uma preparação dos educadores, dos dispositivos de recepção e de organização do tempo para evitar o possível cansaço comum nessas experiências”.

No zoológico, no geral, a divulgação de informações sobre os animais expostos possui papel de grande relevância para a compreensão e ação educativa da exposição. Os elementos expostos, segundo Garcia e Marandino (2008b, p. 100), “carregam informações próprias e desencadeiam diferentes percepções nos visitantes”.

É por meio da disposição e das informações divulgadas sobre os animais expostos que existe a possibilidade de compreender, conhecer e diferenciar aspectos biogeográficos, evolutivos e alertar os visitantes sobre a conservação e valorização dos mesmos.

Além disso, as placas disponibilizam informações como nome científico, distribuição geográfica e hábito alimentar, porém a linguagem deve ser acessível a todos para haver melhor aproveitamento na comunicação. Meyer (1988) ressalta que o público que visita o zoológico é formado por camadas sociais diferentes, sendo que alguns nem tiveram acesso ao ensino formal. A autora continua enfatizando que ao elaborar um programa educativo é preciso estabelecer diálogo direcionado ao público e assim, estimular sua participação e envolvimento, observação e reflexão sobre as questões socioambientais. De maneira que o ideal seria que as placas e todo os demais acervos informativos de um zoológico complementassem aquilo que está exposto, facilitando o processo comunicativo e a relação entre o espaço que é museografado e os visitantes.

#### 4 Considerações finais

De posse dessas afirmações, percebe-se que o papel dos museus sofreu larga modificação ao longo dos séculos. O grande acervo constituído nos gabinetes de curiosidades tinha como objetivo aplacar a prática contemplativa das coleções. A introdução das práticas educativas aconteceu quando houve a entrada de novos recursos de comunicação. “Após a revolução industrial, a sociedade passou a exercer uma pressão enorme sobre as instituições para a modernização de suas práticas de comunicação” (NASCIMENTO, 2005, p. 226).

Tal rompimento com a noção contemplativa de coleção, sobretudo particular, vislumbra integrar ainda mais o ser humano e a sociedade. Ou seja, com a inserção da ação educativa, o cenário museal tornou-se multiplicador do saber sociocultural. A expografia permite ao visitante, nas palavras de Marandino (2005b, p. 167), “se sensibilizar, se apropriar e favorecer sua compreensão (social, histórica, técnica, artística, científica) para uma análise pessoal e para discutir com outros visitantes, com os animadores/mediadores”.

Dessa forma, o processo de comunicação em espaço museal deve manter constante diálogo na mediação do discurso expositivo com o público. Para tanto, é preciso haver interatividade entre as partes envolvidas.

Com base nisso, a disposição da exposição, os recintos e as placas informativas no zoológico devem obedecer aos critérios do tempo e da linguagem acessível para obter eficiência na comunicação e didático-educativa. Ademais, é função do orientador pedagógico desenvolver uma mediação facilitadora entre o público e o saber exposto no local. Pois, ao acatar a importância do visitante, a comunicação se desenvolve e permite que haja apreensão das informações vinculadas às exposições. Segundo Valente *et al* (2005, p. 201), “desse modo, não só se promove o aumento do número de pessoas a interagir nesses locais, como amplia-se o seu papel social”.



## Referências

- AURICCHIO, Ana Lúcia Ramos. Potencial *da* Educação Ambiental nos zoológicos Brasileiros. **Publicações Avulsas do Instituto Pau Brasil de História Natural**, n. 1, p, 1-46, 1999.
- BRASIL, Lei nº 7.173 de 14 de dezembro de 1983. Dispõe sobre o estabelecimento e funcionamento de Jardins Zoológicos e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília-DF, 1983.
- GARCIA, Viviane Rachid. Visita monitora no zoológico de Sorocaba: um palco de negociação de saberes. **Enseñanza de las Ciencias**, n. Extra, p.1618-1623, 2009. (VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona).
- \_\_\_\_\_; MARANDINO, Martha. Que imagem estamos passando? In: LOZANO, M.; SÁNCHEZ-MORA, C. (Eds.). **Evaluando la comunicación de la ciencia**: Una perspectiva latinoamericana, México: CYTED, AEI, DGDC-UNAM, 2008a. p. 83-94.
- \_\_\_\_\_. Mediação em zoológicos: um olhar sobre a experiência do Zôo de Sorocaba. In: MASSARANI, Luisa; ALMEIDA, Carla. (Eds.). **Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros Ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2008b. p. 97-105.
- KURY, Lorelay B.; CAMENIETZKI, Carlos Z. Ordem e natureza: coleções e cultura científica na Europa moderna. **Anais Museu Histórico Nacional**, v.29, p.57-85, 1997.
- MARANDINO, Martha. Educação em Museus de História Natural: possibilidades e desafios de um programa de pesquisa. **Enseñanza de Las Ciencias**, n. extra, p.1-4, 2005a. (VII Congreso. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo).
- \_\_\_\_\_. Museus de Ciências como espaço de educação. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. (Orgs.). **Museus**: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; Brasília, DF: CNPq, 2005b. p. 165-176.
- \_\_\_\_\_. Museus de Ciências, coleções e educação: relações necessárias. **Revista Museologia e Patrimônio**, v.2, n.2, p. 1–12, jul/dez de 2009.
- MEYER, Mônica Ângela de Azevedo. **Que bicho que deu**: pesquisa de educação ambiental no Jardim zoológico de BH. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- NASCIMENTO, Sylvania Souza do. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves, VIDAL, Diana Gonçalves. (Orgs.). **Museus**: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; Brasília, DF: CNPq, 2005. p. 221-229.
- SUESCUN FLOREZ, Lilian Mariela; SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Jardins botânicos: entre a linguagem da ciência e a comunicação com o público. In: II Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus, Rio de Janeiro, 2010, **Anais**. p.1-16.
- TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Temas ambientais como “temas geradores”: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. **Revista Educar**, n. 27, p. 93-110, 2006.
- VALENTE, Maria Esther; CAZELLI, Sibebe; ALVES, Fátima. Museus, ciências e educação: novos desafios. **Manguinhos - Histórias, Ciências, Saúde**, v. 12 (suplemento), p. 183 – 203. 2005.

---

Recebido em 30.08.2011

Aceito em 27.03.2013